



**ariús**

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 13, n. 2, jul./dez., 2007

## Literatura brasileira na formação docente\*

GRAÇA PAULINO

Universidade Federal de Minas Gerais

### RESUMO

Este trabalho analisa o distanciamento entre o ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Licenciatura em Letras-Português e a prática docente que se exige na Educação Básica, especialmente no Ensino Médio. Apresenta-se um esboço de panorama histórico, a partir dos anos de ditadura militar, em que as universidades, em sua maioria, optaram pela defesa da autonomia da literatura frente aos fatos políticos, abordando os textos através da perspectiva dos estilos de época, difundidos no Brasil por Afrânio Coutinho. A análise evidencia que, após os anos 1980, a opção pelo relativismo inerente ao pensamento Pós-Moderno e pelo falso compromisso político da Literatura Comparada vieram a reduzir a presença da Literatura Brasileira na Educação Básica, por terem os livros didáticos permanecido fiéis aos estilos de época e por não terem os novos professores formação literária nem material didático como suportes para sua prática que, em vez de renovar-se, distancia-se cada vez mais de seu possível alcance estético e social.

**Palavras-chave:** Ensino. Formação Docente. Literatura Brasileira.

## Brazilian literature in teachers' formation

### ABSTRACT

This work aims to analyze the distancing between the teaching of Brazilian Literature in the college teaching courses of Languages – Portuguese and the teaching practice required from teachers in Primary Schools as well as in Junior High Schools. It presents a draft of the historical panorama of the dictatorship years, during which most of the universities decided for the autonomy of literature facing the political facts, viewing the texts through the perspective of period styles, a theory spread in Brazil by Afrânio Coutinho. The analysis shows that, after the 1980's, the option for the inherent relativism of the postmodern thought and for the false political commitment of compared literature caused a reduction in the presence of Brazilian Literature in Primary and Junior High Schools due to the fact that the didactic materials remained faithful to the period styles and also because the graduating teachers did not have neither literary nor didactic materials to support their practice, which, instead of renewing itself becomes more and more distant from its possible.

**Key words:** Teaching. Teacher's Formation. Brazilian Literature.

### Graça Paulino

Doutora em Letras pela UFRJ. Professora da Faculdade de Educação da UFMG.

E-mail: [grpaulino@uaivip.com.br](mailto:grpaulino@uaivip.com.br)

### Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino. Av. Antônio Carlos 6627, Pampulha. CEP 31270-901 – Belo Horizonte, MG – Brasil

\* Pesquisa financiada pelo CNPq.

Entendemos como *formação docente*, em sentido estrito, o conjunto de disciplinas e práticas pelas quais passa um aluno de Licenciatura, curso superior que visa à formação de professores e que se encerra com o recebimento de um diploma carimbado pelo MEC, com autorização para docência em todo o território nacional da(s) disciplina(s) nomeada(s) pela instituição. Tal etapa da graduação docente é coroada por uma cerimônia de formatura e pressupõe que os formandos tenham passado por um processo de ensino-aprendizagem que os tenha tornado aptos a assumir a docência na Educação Básica, pública ou privada. Esse processo universitário se divide em subáreas de conhecimento que, por sua vez, se subdividem em disciplinas, compondo um quadro curricular com conteúdos, práticas, cargas horárias e avaliações bem regulamentadas.

Nessa formação docente estrita e inicial, Literatura Brasileira constitui uma subárea do currículo de Letras que, com algumas disciplinas, faz parte do que se exige para a Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas. Em síntese, Literatura Brasileira, nos cursos de Licenciatura em Letras-Português, tem como objetivo formar os professores que irão ensinar no sistema escolar básico a língua e a literatura do País. Proponho-me a apresentar, neste ensaio<sup>1</sup>, uma visão crítica do que vêm ensinando e aprendendo professores e alunos de Literatura Brasileira em alguns cursos de Licenciatura em Letras, sem perder de vista o fato de que há diferenças significativas entre instituições, entre professores e entre alunos, embora tudo acabe resultando no recebimento de um mesmo diploma, que outorga os mesmos poderes e condições legais para o trabalho docente a todos os egressos.

Até os anos 50 do século passado, os estudos literários trabalhavam com antologias e com obras completas de autores consagrados, em abordagens que transitavam do positivismo ao impressionismo crítico, passando por estudos filológicos, históricos, estilísticos, gramaticais e, muito raramente, sociais, marxistas ou não. Eram poucas escolas, poucos alunos, famílias letradas, livros sem perguntas e respostas. Nas universidades, os catedráticos propunham direcionamentos teóricos e bibliografias literárias. Nos liceus, os textos literários serviam principalmente para sustentar a teoria gramatical normativa, a análise sintática e o detalhamento biográfico dos “grandes” poetas e romancistas nacionais.

Foi então que um professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Afrânio Coutinho, publicou um livro, *Introdução à Literatura no Brasil*, propondo uma

visão da literatura (e das artes em geral) do ocidente civilizado como uma evolução hegemônica de estilos, não mais fundados em escolhas subjetivas dos autores, mas em contextos simultaneamente históricos e estéticos, por isso denominados *estilos de época*. Desenrolando-se em seis volumes, com ensaios assinados por conhecidos críticos e professores de literatura da época, esses livros, pouco lidos, formaram a antologia crítica *A Literatura no Brasil* (1968). Mas, o que iria marcar a transformação dos estudos de Literatura Brasileira seria mesmo o texto introdutório de Afrânio Coutinho.

Os livros didáticos, com forma condutora de organização, após a multiplicação de alunos, de escolas e de professores nos anos 60, assumiram essa abordagem historiográfica, acrescentando à teoria e aos textos perguntas e respostas, para “orientar” o trabalho docente. O conteúdo das disciplinas que se denominavam *Literatura Brasileira*, em qualquer nível de escolarização, do secundário ao universitário, tinha como fulcro os estilos de época, datados, marcados nos textos. A divulgação deformadora do próprio pensamento de Afrânio Coutinho transformou a sucessão linear de estilos de época numa guerra infindável, em que o estilo novo superava o velho, sempre se opondo a ele radicalmente. Os exercícios, trabalhos escritos e provas que se seguiam à leitura dos textos insistiam na comprovação da habilidade do estudante em “enxergar” neles as características do estilo de época a que inevitavelmente pertenciam.

Ora, essa perspectiva carregava – ou ainda em diversas escolas carrega, já que o ensino de Literatura Brasileira não se desfez de todo dela – o que poderíamos chamar de *determinismo formalista* no modo de ler os textos literários. Como Afrânio Coutinho explicitamente situava seu posicionamento face à literatura dentro da *nova crítica*, ligada ao *new criticism* norte-americano dos anos 30, corrente defensora da autonomia da literatura ante outros fatos da vida social, criou-se, a partir da disseminação da teoria dos estilos de época, uma determinação prévia da leitura, que não podia fugir à alocação do texto num estilo e à explicitação das características inerentes a este. O estilo se impunha, inexoravelmente, ao texto literário, em verso ou em prosa. Diversos especialistas se dedicaram à tarefa de assim organizarem a história da Literatura Brasileira: Aderaldo Castelo, Soares Amora, Domício Proença Filho, entre outros.

O que não podemos esquecer é que estávamos sob um regime de ditadura militar. Os professores universitários marxistas em ação foram aposentados compulsoriamente em 1968, exatamente o ano da publicação de

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste ensaio foi apresentada, em mesa-redonda, no V SELIMEL – Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, realizado em Campina Grande – PB, em junho de 2007.

A *Literatura no Brasil*. O medo grassava nas universidades, ao lado das passeatas estudantis. Podia-se falar na função social da literatura apenas em teoria. Autores subversivos eram censurados e perseguidos. Assim, nada melhor que se voltar para uma história da literatura que evidenciava a *textualidade* de contextos estilísticos, buscando antes de tudo formar, acima dos poderes políticos e econômicos, leitores sem perspectivas destes, por que nada tinham a ver com eles.

François Dosse, em sua *História do Estruturalismo* (1993), marca 1967 como o ano em que se iniciou o que chama de *o canto do cisne*, paradoxalmente também um marco do fortalecimento de seus pensadores, que a partir de então tomam espaço nas Escolas de Altos Estudos e começam a ser traduzidos para diversas línguas. Diz que Foucault estava fora de Paris em 1968 e de suas passeatas, escrevendo *Arqueologia do Saber* (traduzido para o português em 1972). Entre nós, os estruturalismos, já que nunca houve um movimento unificado, também começam a ficar mais fortes nos estudos literários, enquanto estudantes, professores e jornalistas ousados no combate político eram torturados, mortos ou exilados. Nos cursos de Letras, a abordagem estruturalista, negando a história através de seu universalismo arquetípico, passou a conviver com a historiografia abstrata dos estilos de época, sem preocupações políticas.

Um livro dos anos 70, hoje esquecido ou repetido como novidade recém-descoberta, iria também exercer sua sutil influência nas licenciaturas em Letras, especialmente no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Trata-se de *Por um novo conceito de literatura brasileira* (1977), de Affonso Romano de Sant'Anna, que propunha incluir o cordel, os quadrinhos e a música popular no que chamávamos de Literatura Brasileira. Não foi difícil enfraquecer a atuação desse livro, sob o argumento de que seu propósito era a facilitação dos estudos literários pela vulgarização pura e simples.

A queda dos estilos de época nas grandes faculdades de Letras ocorreria apenas nos anos 80, com a entrada em cena da glamurosa linha de pensamento denominada de Pós-Modernismo, considerada por alguns como apologia de uma hipermodernidade, em que se radicalizou com poder total o tripé moderno de culto ao mercado, ao indivíduo e à tecnologia.

Os velhos textos foram trocados por novos, numa escolha que abominava critérios de qualidade literária, considerados parte do poder da velha guarda, minoritária e elitista. Criou-se uma falsa politização, a do "politicamente correto", para calar a boca dos remanescentes esquerdistas. Apagou-se a velha Teoria Literária, substituída pela Literatura Comparada, como se o comparatismo nunca tivesse existido nos estudos literários. Inse-

rida nos Estudos Culturais pós-estruturalistas, a Literatura Comparada negou o caráter estético da recepção literária, tornando objeto desta não mais os textos com suas especificidades de construção e criação, mas suas relações interculturais, de base temática: gêneros, etnias, minorias, referências contextuais globalizadas, suportes tecnológicos, fronteiras, entre outras.

A inserção dos alunos de Licenciatura em Letras no contexto acadêmico da Literatura Comparada exigiria leitura contínua de autores contemporâneos, de várias nacionalidades, tanto no que diz respeito à literatura quanto a certos textos de áreas de conhecimento com que seus estudos dialogam, especialmente a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia. Sem alcançar a idade, as dimensões e o aprofundamento da velha Teoria Literária, a Literatura Comparada já exigiria dos leitores um vasto e diversificado repertório textual, que só algumas vezes seria conseguido de modo coerente na Universidade, por parte dos próprios professores, como no exemplo de Silvano Santiago.

A formação do professor de Literatura para o Ensino Fundamental e Médio nos cursos de Licenciatura em Letras passa longe dessa erudição sofisticada e empastada. Na maior parte das faculdades de ponta, se o velho historiografismo formalista desapareceu, o que os alunos estudam de literatura nada ou quase nada tem relação com sua prática docente. Isso porque os livros didáticos continuam insistindo nos estilos de época, pelos quais autores e textos são apresentados e estudados. Sem a sustentação da formação universitária, os professores se tornam reféns dos livros adotados.

Transformar esse quadro de crise no ensino de Literatura Brasileira exigiria consensos nas faculdades de Letras sobre prioridades dos alunos que se tornarão professores da Educação Básica. Exigiria leitura crítica dos manuais didáticos no que diz respeito ao tratamento que os textos literários recebem. Exigiria a formação de professores com segurança em seu processo de letramento, a ponto de serem capazes de fazer suas próprias escolhas literárias, a par das escolhas feitas em nome dos alunos adolescentes. Só leitores formam leitores e quando o(a) professor(a) lê apenas por obrigação profissional, os alunos não têm nele(a) um modelo de gosto para apurar o seu.

Um compromisso verdadeiramente crítico dos estudos literários para com a realidade social, sem que se negue a identidade e o tratamento estético dos textos, parece ser uma perspectiva a ser considerada como saída possível para o impasse que se arrasta, de variadas maneiras, desde os anos 60 do século passado. A ameaça de abandono da Literatura enquanto disciplina da Educação Básica ainda ronda nossos educadores que

pouco lêem e por isso pouco respeitam os textos literários. Diversas pesquisas dos livros didáticos do Ensino Fundamental têm evidenciado que tal desrespeito começa cedo e apenas se agrava no Ensino Médio. Há, ainda, o falso acesso aos textos literários, com a recepção distorcida por temas transversais, questões éticas etc.

Apenas quando o compromisso dos professores das licenciaturas em Letras se voltar para o que ocorre com seus alunos fora da Universidade, nas escolas da Educação Básica, com suas facetas próprias, diversas, muitas vezes pobres, distantes da alta cultura, poderemos mudar esse quadro de crise, que não foi criado por um ou outro acadêmico, mas pela maioria dos doutores que querem lecionar na Pós-Graduação, tolerando a Licenciatura apenas como um martírio inevitável ou uma “enganação”.

#### REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio (Org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 aos nossos dias*. São Paulo: Ensaio; Campinas: UNICAMP, 1994.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Por um novo conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

---

Recebido em junho de 2007

Aprovado para publicação em agosto de 2007

---